

Nós é que, com a sua adoção, daremos, desde logo, uma alta prova de apreço aos que, mais avantajados nas letras do que nós, a propuzeram, discutiram e votaram, ao mesmo passo que prestamos a Sergipe serviço inestimável.

VIII

Demos o ultimo passo nesta dessaborida parlenda.

A' luz das mais lucidas opiniões dissemos, em traços imperfeitos, o que sobre reforma ortografica se tem escrito, ou praticado, no Brasil e em Portugal.

A tanto nos moveu o apreço em que temos este simpatico vespertino, cujas colunas gasalhosas se nos abriram para a justificativa da attitude assumida pela *Academia Sergipana de Letras*, no largo movimento de simplificação grafica, iniciado pela *Academia Brasileira* e seguido pela *Academia de Ciencias* de Lisbôa.

Esta que, á sirga daquela, já assentara em regras definitivas o seu sistema, entra, agora, em nova ordem de coisas.

De feito, a 30 de Abril, proximo transcorrido, firma-se, no Rio de Janeiro, o acôrdo ortografico entre as duas Academias, repetindo se a mesma cerimonia em Portugal.

Não vem ao caso discutir se ganhámos, ou perdemos, na transação.

Afigura-se-nos mais logica, mais facil, porque mais radical, a ortografia da *Academia Brasileira*. Preferível, de certo, fôra que a houvessem mantido, vencendo-se pouco e pouco as naturais resistencias a toda inovação.

O espirito de misoneismo é sempre mais forte do que o impulso de transformação. Este, porem, continuado e persistente, termina por vencer e imperar.

O caso, entretanto, ha-de ser visto sob outro prisma.

Trata-se de um acôrdo, e quem diz acôrdo diz transigencia, acomodação, terreno cedido de parte a parte.

Foi o que se verificou entre as duas Academias.

MEDEIROS DE ALBUQUERQUE resume a cronica da occurrencia nestas palavras :

«No dia, em que ambas acharam terreno comum de acôrdo, ambas agiram nobre e patrioticamente, cada uma cedendo em uns e outros pontos, e chegando enfim ao meio termo que estamos hoje celebrando».

Cabe aqui, ante o exposto, repetir o latinorio sedição do *alea jacta est*.

Ora, a *Academia Sergipana* adotou, num dispositivo expresso do seu Regimento, conformar-se ao deliberado pela *Academia Brasileira*, nesta questão de ortografia.

É um artigo imperativo de seu código de deveres, uma expressão de sua vontade coletiva.

Em assim procedendo, despiu-se de qualquer sombra de vaidade, afirmou-se nos seus limpidos propositos de abraçar os bons exemplos.

Dir se-á, porém, que contra o acôrdo se levantam vozes autorizadas, que o condenam desapiedadamente.

Não é de estranhar que assim seja, e nem as unanimidades massudas são o melhor garante da excelencia das coisas.

A ninguem se nega o direito de opinar em

assunto nimiammente opinativo ; variar em problemas, de sua natureza variaveis.

O egregio JOÃO RIBEIRO já acredita mesmo que o tomem á conta de leviano, tanto reconhece que ha cambiado de opiniões.

Ademais, quando se tem talento e arte, vale sempre uma discordancia, um protesto, um revide.

Lembramo-nos que, em *Verdades Indiscretas*, — ANTONIO TORRES zurziu, a lanhos tremendos, a *Academia Brasileira*, de quem disse :

«A pretexto de facilitar o ensino da escripta, nivelou a Academia os intellectuaes e os vendeiros. Que nos importa a nós, senhores, que o vendeiro ali da esquina escreva *caxorro* com *x* ? Devemos acompanhá-lo ? Não. Deixemos-lhe a inteira responsabilidade da sua graphia lusitana...»

E para o panfletario vibrante e impenitente era imperdoavel que uma aristocracia, qual o sodalicio dos homens de letras, baixasse ao nivel democratico da mediania ignara.

Mas ANTONIO TORRES sabia dizer bem estas coisas, indiscretamente... e com espirito ! Ninguem, por isso mesmo, lhe queria mal por tamanhas cipoadas vingadôras. Era um talento que falava, e a todo talento se rende vassalagem, mesmo quando se lhe possa ser contrario.

Atualmente, é outro espirito fulgurante que vem a campo e caustica, sem dó nem piedade, a firma *Dantas, Duarte, Magalhães & Cia.*, comandita litero-diplomatica que rotula as duas Academias, *Casa dos Mortos*, como quer AGRIPINO GRIECO.

Ei-lo a escrever :

«Nada de pedir leis á antiga Metropole, máo grado os afagos com que lá nos attraem,

depois que as sanguesugas viraram minhocas...

Não recebamos, via Bolama, os «pombos-correios» do sr. Agostinho de Campos e seus dignos consócios».

Estas e outras coisas ardentes, com verve e descaridade, atira-as GRIECO às costas dos *imortais*, em lamporadas de cipó cabôclo...

Mas AGRIPINO GRIECO representa, na literatura nacional, o talento agil e cintilante, que recorta em modelos de graça, beleza e precisão, o cerne dos mais puros e altos pensamentos.

Em se discordando de sua habil dialetica, de gume de navalha, ainda se lhe fica a dever admiração e respeito pela bela inteligencia, pela cultura real, pelo destemor da frase escandecente.

Deste se pode discordar, sem deslustre por isso. Com outros, porem, nem mesmo com lustre se pode concordar.

É esta, afinal, a nossa modesta e convencida atitude.

Carvalho Neto.

Aracaju — 1931.

HORA VESPERAL

ARTUR FORTES.

Pôr de sol. Anoitece.

A fogueira do ocaso ao longe em flamas arde

E nimba de ouro e luz o fino azul da tarde.

Da serrania alem a noite desce...

Vae lento se extinguindo a media claridade...

Paira por sobre a vida uma vaga saudade

Do que não é...

Abrem-se os corações ao consolo da fé...

E' toda uma harmonia

Essa melancolia

Do fim do dia !...

E, no entretanto,

Destino estranho, acerado amargôr :

Nesta hora de ilusão e infinito quebranto

Mais funda é a dôr de amar aos que penam de amôr !

O brilho de um olhar... uma imagem querida

Lenindo os ais da vida...

Princeza de romanticas visões

Que apparecesse um dia

Como o sol fecundante da alegria,
Sobredoirando em ondas luminosas
O caminho onde florem as lindas rosas
Das nobres ilusões.

Então o sonhador,
Um malsinado hebreu no deserto da vida,
Tenta, em vão, alcançar a terra prometida
Que é essa ventura assim de um grande amôr.

E passa o tempo e a vida diminue...
Como dizer á torrente que flue :
Atarda-te um momento? !
Que amargo sofrimento
Esse de alçar a mão ao fruto desejado
E vel-o se esvair como um pomo encantado !...

Horas do fim do dia...horas tristes e nuncias
Das saudades de amôr e das grandes renunciás...
Dos olhos rasos de agua á luz da evocação !...
Que Deus se dêa dos contemplativos
Quando nos seus instantes emotivos
Vivem a vida da imaginação.

Pôr de sol. Anoitece.
A fogueira do ocaso ao longe em flamas arde
E nimbra de ouro e luz o fino azul da tarde.
Da serrania alem a noite desce...
Vae lento se extinguindo a media claridade...
Paira por sobre a vida uma vaga saudade
Do que não é...

Abrem-se os corações ao consolo da fé...
E' toda uma harmonia
Essa melancolia
Do fim do dia!...
E, no entretanto,
Destino estranho, acerado amargor :
Nesta hora de ilusão e infinito quebranto
Mais funda é a dôr de amar aos que penam de amôr !

Aracajú — 1931.



SENSO ESTÉTICO

Magalhães Carneiro.

Investigando, os estudiosos puderam afinal dar-nos a imagem do homem primitivo, colheendo-o em seu *habitat*, na superficie ainda inhospita do planeta.

Mauricio Maeterlinck em livro admiravel fala-nos do nosso ancestral habitando lugubres cavernas rodeadas de ossos e aí vivendo sombriamente a sua vida primitiva.

A nossa imaginação acesa pela antropologia, dá-nos desses seres hirsutos os flagrantes mais curiosos. Eu, por exemplo, posso distingui-los nas suas vestes toscas a cujo uso as intemperies e não já o pudor como hão de querer alguns os obrigavam a viver assediados na sua brecha de rocha inteiramente entregues ás injunções de um destino vario.

As condições materiais de seu viver muito deviam contribuir para a jocosidade de seu tipo estético. Forçado a labores rudes sua actividade devia imprimir a seu fisico a grosseria que o assinala.

Sabe-se que a fragilidade, a delicadeza fisica das mulheres de hoje, é uma resultante da brandura dos misteres a que se entregam. Os camponeses, os homens do mar, todos aqueles que se dedicam a rudes afazeres conseguem maior resistencia, uma floração mais forte de musculos.

Ao nosso ancestral, ao homem primitivo outorgando-lhe Deus a superfície do planeta para aí exercer a sua actividade e ganha-la, é claro que não o doutou logo de tudo quanto lhe era necessario a semelhante finalidade.

Bronco, incapaz ainda de produzir recursos que lhe assegurasse de pronto o dominio do imenso legado, ao homem primitivo a vida em seus primordios devia ter apparecido vacilante e amarga.

Era o occultamento, a vigilia constante, o receio, o pavor que lhe infundia o aspecto do mundo de então a compor-se e a decompor-se, povoado de bestas-feras, de toda sorte de irracionais nocivos, hostis.

Sem recursos ainda, meios faceis de se alimentar, é certo que para subsistir esse homem devia recorrer a processos tão arduos quão perigosos. Sem agricultura, sem industria ainda, sua alimentação, por exemplo, ele devia disputa-la, conseguí-la dolorosa, violentamente. E que seria, quer dizer, e que representaria a base de sua alimentação? Negada a hipótese darwiniana com relação á procedencia do homem, crê-se, com certo fundamento, que o nosso ancestral era essencialmente carnívoro. Nas estações mais brandas, quando as forças remodeladoras da terra entravam em relativo repouso e a brumosa superfície do mundo podia apparecer mais quieta, o homem primitivo devia surgir cauteloso nas clareiras e nas encostas e aí, empunhado de sua arma primitiva, conquistar as suas presas para as conservar e delas se nutrir pelo tempo adiante.

E assim, nas sombras de seu frigido refugio o nosso ancestral farto ou faminto vive a sua vida de tristezas entregue á floração apenas de seus dois sub-instinctos, o nutritivo e o da reprodução, sub-instinctos que afinal se integram no grande e unico instincto da conservação da especie.

Nutrir-se e reproduzir-se é só então o que é dado ao homem fruir nos primordios das idades. Sem fé, sem luzes e sem leis, apenas essas duas faculdades lhe são inherentes.

Na formidável arena que é o mundo então, apenas para o exercício desses rudes atos parece existir o homem.

Sabe-se que só com o decorrer dos séculos, quando a multiplicidade da espécie e o desenvolvimento mental do homem lhe dão afinal a vitória no seio da criação, é que o espírito humano pode revelar-se em sua integridade. Só no decorrer dos séculos, quando o homem encontra para agir um campo menos adusto é que ele pode aparecer vitorioso na beleza de seus melhores sentimentos e na plenitude de sua inconsútil inteligência.

Nutrir-se e reproduzir-se é, portanto, a única faculdade de que dispõe o homem primitivo, sepulto nas sombras de sua caverna; e a luta, a pugna encarniçada para subsistir, o seu único fanal.

Supõe-se que o nosso ancestral praticava a antropofagia. Quer dizer, o homem primitivo era forçado, às vezes, a nutrir-se de seus semelhantes e isso devia acontecer quando na iminência de ser despedaçado nos cataclismas ou devorado pelos animais primitivos muito mais vorazes que ele, não podia surgir ao sol ou às brumas de então e conseguir o seu alimento. Circunstâncias outras, todavia, nos fazem regeitar a ideia desse estado em nosso ancestral. A riqueza da fauna apesar das dificuldades pelo assédio permanente do homem deviam proporcionar-lhe pasto abundante afastando-o da repugnante prática. A existência ainda hoje de selvagens não antropofagos fortifica-nos nesse entender.

Antropofago ou não o que é certo, porém, é que o homem primitivo só devendo nutrir-se e reproduzir-se, pelas dificuldades de então, para subsistir ele devia consumir tudo quanto em carne lhe caísse às mãos sem liberdade de escolha.

Parece que só mais tarde pode o homem primitivo mais seguro, mais tranquilo proceder à seleção das matérias apropriadas à sua alimentação. É possível que daí ele se tenha pouco a pouco transformado de puramente